

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preço da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	26.º Anno — XXVI Volume — N.º 896	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29
Portugal (franco de porte, (m. forte)	58800	18900	8950	8120	20 DE NOVEMBRO DE 1903	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	44000	25000	—	—		
Extrang. União geral dos correios	58000	24500	—	—		



EÇA DE QUEIROZ EM 1876



CHRONICA OCCIDENTAL

Trouxe-nos o telegrapho a triste nova de haver succumbido em Paris, apoz uma operação dolorosa, um dos mais notaveis financeiros portuguezes, o Conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho, muita vez indigitado para ministro e occupando um alto cargo na Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes.

Quer a companhia, quer ao estado, prestou em trabalhosas negociações relevantes, serviços no estrangeiro.

A par d'uma alta intelligencia, que de humilde empregado do commercio o elevou seguidamente aos mais altos logares, dispunha d'uma rara actividade e por isso tanta vez foi escolhido para espinhosas missões junto dos credores estranhos.

Ainda ha pouco viajara por grande parte da Europa procurando uma conciliação que permittisse a Portugal maior desatogo, e a elle se devem principalmente o que de melhor foi alcançado.

Luctou e luctou muito; na cidade que lhe foi principal campo de batalha agora encontrou a morte.

Luctou contra inimigos poderosos e muitas vezes traidores; luctou contra uma campanha de difamação de que, mais ou menos, os nossos inimigos dão signal.

Ainda este anno o Almanack Hachette diz de Portugal que é um paiz pequeno, só

muito grande na sua divida, a qual trata sempre de não pagar.

D'estas grosserias muitas devemos aos francezes a quem entretanto pagamos n'uma moeda de sympathia que elles estão bem longe de merecer.

Até ha pouco, bastava ver como elles influíam em quanto era nosso, nas nossas idéas, na nossa arte, em toda a nossa litteratura. Algum bem lhe devemos, é muito certo; mas já muito mal nos iam causando.

Hoje vae diminuindo a influencia que sobre nós tinham, como n'elles diminuiu tambem o odio que tinham a quanto era estrangeiro. Ainda foi a elles que devemos podermos admirar russos e allemães, suecos e noruegueses, que pelas traducções francezas conhecemos; mas estas obras começaram a ter sobre a nossa arte e litteratura uma influencia que temos de abençoar.

Nos dois principaes theatros de Lisboa estão agora sendo com grande exito representadas duas traducções: no theatro D. Amelia, a *Magda* do grande dramaturgo allemão Suderman; no theatro de D. Maria a *Dolores* do fallecido poeta hespanhol Feliu y Codina.

Lucilia Simões, já com fóros de primeira actriz, tem visto seu desempenho discutido, grande gloria para ella, n'esta pequenina terra em que tudo que é arte é sempre recebido com a maior indifferença. Angela Pinto desempenhou a *Dolores* com aquella alma que de ha muito a classificou entre as nossas primeiras actrizes de sentimento.

Começam os theatros a dar que falar, e ainda bem. Assim continuem quando nos servirem com prata de casa, o que não tardará.

N'estes dois mesmos theatros duas obras originaes se estão ensaiando: em D. Amelia a peça de Schwalback, *A Cruz da Esmola*, e em D. Maria a de Julio Dantas, *Um sarão nas Laranjeiras*.

No theatro D. Amelia realisou-se hontem o sarão annuciado, com a representação das tres peças premiadas no concurso aberto pelo jornal *O Dia*.

Fala-se finalmente em artistas portuguezes. E' que elles trabalham para isso; trabalham n'um meio que, se nem sempre lhes é hostile raras vezes lhes offerece o incentivo que, com muito menor dispendio de forças, os artistas encontram no estrangeiro. Por isso mais deviam ainda merecer d'aquelles que, por melhor cultura da intelligencia ou por maior bondade do coração, sabem avaliar o que lhes devemos.



EÇA DE QUEIROZ
NOS ULTIMOS ANNOS DE SUA VIDA

Discutir é já dar valor ás coisas; a indiferença é que tudo mata.

O rodar dos tempos trouxe-nos outra vez a uma região do espaço em que as discussões se accendem como d'antes o céu com as estrellas cadentes na noite de 13 para 14 d'este mez.

Antes disso, comquanto nos tenha parecido completamente descabido a que se levantou agora com respeito ao monumento erguido em homenagem ao talento de Eça de Queiroz.

Toda a argumentação gasta a censurar amigos do auctor do *Primo Basílio*, pelo culto que prestaram á sua memoria, dotando a cidade de Lisboa com uma obra prima, toda a actividade demonstrada para o fim de demolir uma reputação, todas essas forças porque não destiná-las a combater uma injustiça, sem duvida existente, mas que é de todos nós e nunca dos que deram um bom exemplo?

Houve exaggero de certo n'aquelles que no fim de seus artigos escreveram em nórmando ser Eça de Queiroz o primeiro escriptor portuguez; mas em nossa lingua ha um velho dictado que diz: «o santo de que se prega é sempre o maior de todos.»

Procuremos no calendario outros santos e festejemol-os tambem por seus meritos absolutos em vez de discutirmos os relativos. Isto nos parece dever fazer-se, e dos jornalistas portuenses cremos que devia ser a iniciativa para o monumento de Camillo, pois que decerto encontrariam sympathias no paiz inteiro.

Lisboa dotada agora com um monumento, que pode ufanamente mostrar a todos os entendidos em arte como prova de que a arte não é morta entre nós, no dia em que o busto do Eça foi inaugurado, acclamou, como devia, o talento do esculptor, nosso querido amigo, Antonio Teixeira Lopes.

Mais glorias lhe estão ainda reservadas n'esta cidade, e é-nos grato poder annuncial-as.

Nem todo o amor ás coisas velhas morreu em Portugal, onde tantos crimes de lesa-arte hão sido commettidos, sobretudo modernamente. E' de estremecer ouvir falar em reparações, reconstituições, arranjos em monumentos. A muitos dos encarregados do que devia merecer-lhes os maiores escrupulos faltam inteiramente condições estheticas, ás vezes até a intuição do que lhes era dever.

Não vem a pélllo repetirmos agora o que tantas vezes aqui temos escripto sobre sacrilegios commettidos junto de respeitaveis monumentos historicos ou n'estes mesmos com pretexto de melhoral-os. Basta olhar para as ruinas do Carmo ou para os Jeronymos.

O mesmo não succedeu felizmente na historica Sé de Lisboa, a cujos trabalhos preside um engenheiro consagrando — caso raro — um fundo amor de artista ás nossas coisas, ás tradições portuguezas. E' esse amor que, com os poucos recursos de que dispõe, tem levado o sr. Augusto Fuschini a procurar sobretudo desenterrar de dentro de posteriores construcções e a pôr novamente á luz a velha architectura primitiva na qual se inspira para quanto fór agora planejado.

São já dignas de ser vistas as janellas abertas na torre do lado norte, a entrada lateral, e a capella de linda architectura que a pouco e pouco, se vai desembaraçando das alvenarias que a revestiram.

Tenciona o sr. Fuschini encarregar Teixeira Lopes da execução d'uma estatua da Virgem e d'um altar da Senhora da Piedade, que serao seguramente duas obras d'arte, quer pela intenção artistica, quer pela execução que o nosso grande esculptor lhes dará por certo.

Tudo isto é um pouco melhor e mais serio do que apparatusas construcções que por ahí andamos fartos de ver, gritadoras como reclamamos de dentistas e para as quaes os mestres d'obras se inspiram nos coretos para as visitas reaes.

Elles ahí se andam construindo agora a toda a pressa, pois que, apesar do desasocego da Hespanha, parece certo que, nos meados do proximo mez de dezembro, Lisboa terá a honra de receber a visita de S. Magestade Catholica.

El-rei sr. D. Carlos, partiu, ha dias, para Villa Viçosa, onde ordenou os preparativos necessarios, pois que faz parte do programma dos festejos uma visita de D. Affonso XIII ao antigo solar dos Duques de Bragança.

D'ahi El-rei de Hespanha dirigir-se-ha a Badajoz, sem voltar a Lisboa.

D'esse historico palacio sahio ha tres seculos tanto a Duqueza de Bragança, neta de El-rei D. Manuel, para deitar-se aos pés de seu tio moribundo, o Cardeal D. Henrique, e rogar-lhe escolhes — o herdeiro do throno de Portugal. Mas

quando a deixaram entrar no quarto mortuario, D. Henrique era já agonisante e, passados mezes, o Duque d'Alba entrava em Lisboa triumphante.

Passaram sessenta annos, e d'esse mesmo palacio, para triumphante dar sua entrada em Lisboa, partiu o Duque de Bragança, D. João, aclamado rei pelos conspiradores de 1640.

Tem muito El-rei D. Affonso XIII que ver em Lisboa, não lhe faltará que ver em Villa Viçosa, nem que meditar em muitos d'esses campos do Alemtejo que vai agora atravessar. Ninguém lhe recordará decerto coisas tristes; mas quem lhe vir seu triste olhar observando aquellas charnecas, adivinhará seus pensamentos.

Um bocadinho de philosophia de historia não faz mal a ninguem, nem sequer aos reis. Tanto o bem como o mal são dignos de se lerem. Para lição, mais vale do que a historia de Carlos V a de Filippe IV e de seus desastrosos validos, Conde Duque de Olivares e successores.

João da Camara.

EÇA DE QUEIROZ

Devido á iniciativa de amigos devotados do grande escriptor, acaba Lisboa de ser dotada com um dos mais bellos e artisticos monumentos que se ergam nas suas praças.

O local escolhido foi o Largo do Quintella, á sombra da elegantissima palmeira.

Ali o marmore perpetuará a memoria, não do escriptor illustre, que de marmore nem de bronze precisava, mas das fundas amizades que soube criar entre os que o conheceram e mais de perto o trataram.

Nada mais simples e commovente em suas intenções, nada mais bello em sua execução.

E' uma verdadeira obra prima o novo trabalho de Teixeira Lopes, por um alto espirito concebido, por um grande artista executado, inspirado por que foi gloria indiscutivel das letras portuguezas.



CASA ONDE NASCEU EÇA DE QUEIROZ NA POVOA DE VARZIM

José Maria Eça de Queiroz, nasceu na Póvoa de Varzim, em 1846. Foi por muitos annos consul de Portugal em Cuba, em Bristol e ultimamente em Paris, nunca abandonou as letras em meio de seus mais arduos trabalhos, nem deixou de merecer, cada vez mais profunda, a admiração dos que em Portugal e Brazil o foram erguendo cada vez mais alto entre os maiores escriptores do nosso tempo.

Escriptor realista, palavras suas foram insculpidas no pedaço de marmore tosco que serve de pedestal á estatua da Verdade: — «Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diaphano da fantasia.»

A Verdade o inspirou e lhe foi musa na maior parte de seus livros; á fantasia foi pedir as melhores paginas dos seus romances *O Mandarim* e *A Reliquia*.

Escriptor satyrico, foram por vezes violentas as suas chicotadas, exageradas, e alguma vez in-

justas. Mas a idade e a saudade da terra a que muito quoria foram-lhe a pouco e pouco, transformando a maneira, dulcificando seu olhar com que a revia, lá do paiz de neve, com suas collinas verdejantes e o perfume de seus pomares. Então escreveu aquella segunda parte de *A Cidade e as Serras*, talvez sua obra prima.

Já então era gasto e doente, e, pouco depois, fallecia, rodeado dos seus a que legava um nome immoreduro.

Pelas 3 horas da tarde de 9 do corrente apinhava-se o povo do largo do Quintella para ver descerrar a estatua de Eça de Queiroz, coberta pela bandeira portugueza.

Foi o sr. conselheiro Hintze Ribeiro presidente do governo, que puchou o cordão, e logo uma salva de palmas saudou o modesto monumento grande pela arte de seu auctor.

OS DISCURSOS

Na impossibilidade de publicar aqui, na integra, os discursos dos oradores que tomaram a palavra para fallar de Eça de Queiroz e do monumento a elle levantado, limitamo-nos a reproduzir alguns trechos d'esses discursos a principiar pelo do sr. conde de Arnozo:

«E este monumento, tão bello na sua harmoniosa simplicidade, ao mesmo tempo que perpetua a memoria do artista sublime, que só na Verdade soube inspirar-se, porque ella é sempre espelho da mais clara perfeição, levará tambem pelos seculos a dentro o nome do esculptor incomparavel, que tão assombrosamente o soube conceber e executar.

Dir-se hia, senhores, que o grande o generosissimo coração de Eça de Queiroz, não querendo entrar só na luminosa apothese da gloria, leva consigo o artista que no marmore lhe resuscita e immortalisa a expressão tão cheia de bondade. Porque a bondade e sem limites, foi tambem uma das grandes caracteristicas da sua nobilissima alma de eleição.

Deveria agora, senhores, falar-vos da sua prodigiosa obra, que tão profundamente revolucionou toda a nossa litteratura, mas sobre ser empreza, que excede o meu esforço, outros o vão fazer, e, em palavras que ficarão ecoando nos vossos ouvidos como notas afinadas de clarins triumphaes!

E a este triumpho pode bem dizer-se que assiste o proprio glorificado, porque elle seguramente nos escuta atravez do coração despedaçado da mais desvelada das companheiras, da alma dos filhos, das lagrimas da mãe carinhosa, das enternecedoras lembranças da irmã estremeçada e ainda atravez da saudade, cada vez mais doce e mais viva de todos os seus amigos.

A cidade de Lisboa, estou certo, guardará com orgulho e com amor este monumento, que lhe lembrará tambem e com honra para nós todos, que n'esta inquieta epoca de tão profundos desalentos, ainda se congregavam espiritos para semelhantes consagrações!»

Do sr. conde d'Avila:

«Não se confunde com a de Garrett, com a de Herculano, com a de Castilho e com a de Camillo, a prosa moderna, graciosa, cheia de surpresas philosophicas e neologismos elegantes, do homem illustre que hoje consagramos; mas tem direito á gratidão do seu paiz.

Pode haver controversia na apreciação das escolas em que se agrupam os nossos mais distinctos publicistas; não mingua, porém, essa lucta o valor dos mestres de cada uma d'ellas, que o occupar tão honrosa magistratura é prova de grandes e excepcionaes facultades.

Honra-se, pois, a cidade de Lisboa e o paiz inteiro, em celebrar a obra de Eça de Queiroz; a sua morte deu vibrações de dôr a esta terra em cujo idioma elle a escreveu e áquellas onde a arte e a critica mais evoluçionam e progridem e que tão affectuosamente a traduziram.

Ao consagrado esculptor Teixeira Lopes e ao grupo d'amigos dedicados, que promoveram e realisaram esta celebração, entre os quaes justo é especialisar o conde de Arnozo, meu amigo, são devidos os mais alevantados louvores.

Em nome da cidade de Lisboa e como presidente da commissão administrativa do municipio, tenho a subida honra de aceitar e agradecer o monumento levantado pela dedicação d'amigos á memoria de um dos maiores escriptores portuguezes contemporaneos, e que tão cedo foi roubado ás letras patrias.»

Do sr. Ramalho Ortigão:

«Elle e eu fomos intimos companheiros de trabalho e de estudo durante mais de trinta annos — toda uma vida. Nascermos sob a influencia astral do mesmo mez, em um dia antes d'elle e só n'isto lhe passei adiante. Viemos ao mundo e fomos creados na mesma região de Portugal. Embalarámos identicas orações de nossas mães. Crescermos no seio da mesma pajsagem, entre os esfumados e saudosos relevos do mesmo monte e arfante vastidão do mesmo mar. Passámos na sombra dos mesmos castanheas e das mesmas carvalheiras, entre as amoras e as madresilvas das mesmas azinhas. Ouvimos o borbulhante murmúrio das mesmas aguas regadias, o lento gemer das mesmas azenhas, as ternas cantigas das mesmas esfolhadas, e o alegre repicar dos mesmos sinos, nas vigílias dos mesmos santos. Foi em Lisboa que mais tarde nos encontramos, ainda moços, mas bem differenciados já pela influencia do temperamento e pela dos contactos da vida na formação e descreminação da personalidade. Eu mais accentuadamente sanguineo, grossamente musculoso, antigo passarinho, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurrante espessura dos pinhaes, e na desneevada corrente dos rios angustiados e precipitosos das serras da nossa provincia, era, e fiquei para sempre, nostalgicamente miúdo, e como tal com vocação atávica para viajante e para embareadizo, gostando de ver terras e de andar nas aguas do mar, adaptando-me facilmente a todos os meios cosmicos e domando-me a tudo. Elle, delicado, nervoso, eminentemente cerebral, prodigiosamente imaginativo, fora desde logo em Lisboa como que hypnoticamente attrahido e aliado pelo dramático problema de humanidade que encerram as quatro paredes de cada predio ao longo dos populosos arruamentos de uma cidade. A perscrutação d'esse phenomeno comprehendendo toda a cerebração e todo o emotivismo de um logar e de uma epoca, tornou-se a absorvente e dominativa curiosidade do seu espirito.

Lisboa foi desde então o seu laboratorio de arte e o seu material de estudo a sua preocupação de critico, o seu mundo de escriptor, o seu romance d'elle, iria dizer o seu vicio, a sua fatalidade, o seu destino. E pela razão de que profundamente se ama tudo o que profundamente se estuda, elle amou profundamente Lisboa, e a pouco e pouco se tornou elle proprio enraizadamente lisboeta, lisboeta até ás mais intimas moleculas do seu organismo até ás mais profundas criptas da sua alma.

«E n'esse vasto scenario toda uma densa população pollula, ama, pensa, estuda, combate, intriga, devora ou boceja, e n'uma urdidura de lagrimas e n'uma trama de sorrisos penosamente vae tecendo a fragil teia da vida. As personagens de Eça de Queiroz, que elle arrancou da banalidade da carne para as immortalisar tornando-as typicas pela aureola da arte, vivem em nossa imaginação mais poderosamente e mais intensamente do que se fizessem uma parte material do nosso mundo objectivo. Fradique Mendes, Carlos da Maia, Gonçalo Ramires, o primo Basilio, o padre Amaro, o conego Dias, João da Ega, o Raposo, o dr. Margaride, o Libaninho, o conselheiro Aecacio e outros muitos, são outros tantos authenticos, actuantes, ponderosos moradores de Lisboa que, n'este momento talvez nos estão ouvindo, ou cujas opiniões, theorias, modos, gestos, expressões physiomicas, e estados d'alma iremos encontrar hoje mesmo na Havaneza, no Terreiro do Paço, no Central, no Tavares ou no Augusto, descendo o Chiado ás 4 horas, passeando no crepusculo na Avenida, ou á noite, no theatro, exhibindo-se, pontificando, discursando, filartando ou aborrecendo-se juntamente com as mulhereas, as filhas, as tias, os namoros e as proprias ereadas: a allucinante e fatal Maria Eduarda, a desgraçada e tragica Luiza, a condessa de Gouvarinho, a Maria Monforte, a D. Leopoldina, a desordenada Lola, a sentimental ephemera Carmen Puebla, a abominavel Juliana, a tia Patrocinio das Neves, a «hedionda senhora».

Aos que opinem que d'este grande quadro se não extrae facilmente uma nitida e bem assignalada lei moral, eu ousarei observar que o fim da arte não é moralisar os costumes por meio do pedantismo de preceituações inuteis. O fim social da arte é simplesmente elevar por alguns momentos de puro extase intellectual as almas de uma multidão acima dos interesses materiaes, que pela persistencia da sua acção pervertem os homens, desassociando-se da sua missão collectiva de fraternidade, de admiração, de indulgencia e de amor perante a eterna harmonia do infinito universo. E' d'essa harmonia universal, passiva e transcendente que a obra artistica procura ser a imagem tenue,

irreparavelmente incompleta como toda a sublime aspiração humana do imperfeito para o absoluto».

Do sr. Dr. Luiz de Magalhães:

«E em toda essa obra, meticolosa, conscienciosa como nenhuma outra, concebida e realisada, toda ella, com a paixão da verdade e o anseio turturante da perfeição, o que é difficil, para quem a analysa, o dizer em qual das suas phrases em qual dos seus momentos, em qual dos diversos aspectos litterarios por que a podem encarar, ella é mais bella mais perfeita, mais admiravel: o que é difficil é dizer o que seja maior em Eça de Queiroz: — se o phantasta, o humorista, o observador ou o escriptor.

A sua phantasia! Onde ha a mais florida e mobil, mais imponente, mais ondeante e caprichosa mais cheia de volutas e arabescos? Ao ler algumas das suas paginas, dir-se ha que contemplamos uma aerea phantasmagoria de nuvens, de grandes cumulos prateados, rosados, azulados, passando n'um continuo fazer e desfazer de imagens dissolventes, pelo azul radioso, ao sopro de uma doce brisa de primavera!

A sua ironia! Que extensão de escala, que variedade de tons, que multiplicidade de formas ella tem! Da «charge» caricatural, de deformação grotesca, da visão macabra, da nota francamente comica da farça, ella sobe, alada, ligeira, fina, subtil, na graça irriquieta e adejante d'um enxame zumbidor e doirado, até ás mais delicadas, ás mais raras, ás mais extranhas flores do mais alto e quintessenciado humorismo.

As suas extraordinarias faculdades de observação a acuridade da sua visão psicologica, o seu magico poder de recrear, de reanimar, os typos e os caracteres autopsiados na mesa anatomica da analyse, insuflando-lhes como que um sopro mysterioso de — vida todos esses dons supremos que são o apanagio dos grandes romancistas, ahí está a prova — osqualquer pagina ainda a menos brilhante dos seus livros. E se a criação dessas formas typicas de humanidade, é, n'um romancista, o signal fatidico do genio, que chamaremos ao creador comparavel de tantas e tão vivas figuras humanas algumas das quaes, d'um poderoso relevo balzaquiano, conquistaram os foros da immortalidade litteraria?!

Do sr. Annibal Soares:

Elle foi sobretudo um demolidor, e mais demolidor, porventura, do que geralmente se suppõe. Não foi um revolucionario só nas «Farpas» mas em toda a sua obra; e é necessario pôr ao lado da tortura do Padre Amaro, coagido no direito de viver integralmente, por um preconceito que fructificava em morte, o martyrio incomparavel de Luiza, punida por um erro que não é d'ella, mas da sociedade falsa e vã que a rodeia. Não foi por ella amar um dia livremente que morreu, mas porque a sociedade fez d'esse amor um crime e logo todos, desde a creada Juliana ao conselheiro Aecacio, puderam degradar, esp-sinhar, envilecer, a creatura que apenas fôra natural.

Esta é a moral larga, justa e humana que resalta da obra do Eça — e esse era o ensinamento que vinham agradecer lhe ali.

Elle soffreu muito, e por isso foi que muito riu. Rir n'este caso, é soffrer. Quem passa galhofando do real, chora no fundo amargamente a vasta miseria humana.

Discursou ainda o sr. dr. Antonio Candido com a fluente eloquencia da sua palayra que tanta vez tem arrebatado as assembleias quando lhes falla do alto da tribuna em improvisos de orador de raça.

Faz a critica da obra de Eça de Queiroz; do homem e do litterato e diz que, tendo-se elle fixado no genero litterario para que mais pendiam os seus talentos, fez e refez seu estylo, tornando-o leve, diaphano. A sua prosa não tinha a melodia que seduz, mas o cunho singelo da verdade, na copia da natureza, em que foi inexcedivel, incomparavel.

Referiu-se a Camillo Castello Branco, fazendo justiça á pujança e fertilidade do seu talento. A Anthero do Quental, o grande poeta que tanto se elevou. A Oliveira Martins cuja intelligencia chegou a todos os conhecimentos humanos.

Vê alli Eça de Queiroz curvado sobre a Verdade, como que a pedir-lhe alento para seguir na cruzada que encetára.

O actor Ferreira da Silva recitou, admiravelmente, uma poeisa do sr. Alberto de Oliveira, pri-

morosa como todas as do illustre poeta e para este fim expressamente escripta.

Por ultimo fallou o sr. conde de Rezende, cunhado de Eça de Queiroz, que muito commovido agradeceu em nome da familia do escriptor a homenagem que ali era prestada á sua memoria.

EXCERPTOS DE EÇA DE QUEIROZ

As Cidades e as Serras

Quando o dia social de Jacintho se apresentava mais desafogado, e o céu de Março nos concedia caridosamente um pouco de azul agoado, sahiámos depois d'almoco, a pé, através de Paris. Estes lentos e errantes passeios eram outr'ora, na nossa idade de Estudantes, um gozo muito querido de Jacintho — porque n'elles mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade. Agora porém, apesar da minha companhia, só lhe davam uma impaciencia e uma fadiga que desoladoramente destoava do antigo, illuminado extasi. Com espanto (mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar, d'uma crença) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asphalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadão, affligiam o meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoismo, e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu braço, este Jacintho novo começou a lamentar que as ruas, na nossa Civilização, não fossem calçadas de gutta-percha! E a gutta-percha claramente representava, para o meu amigo, a substancia discreta que amortece o choque e a rudeza das cousas. Oh maravilha! Jacintho querendo borracha, a borracha isoladora, entre a sua sensibilidade e as funcções da Cidade! Depois, nem me permitiu pasmar diante d'aquellas doureçadas e espelhadas lojas que elle outr'ora considerava como os «preciosos muscus do seculo xix»...

— Não vale a pena, Zé Fernandes. Ha uma immensa pobreza e secura d'invenção! Sempre os mesmos florões Luiz xv, sempre as mesmas pelucias... Não vale a pena!

Eu arregalava os olhos para este transformado Jacintho. E sobretudo me impressionava o seu horror pela Multidão — por certos effeitos da Multidão, só para elle sensiveis, e a que chamava os «sulcos».

— Tu não os sentes, Zé Fernandes. Vens das serras. Pois constituem o rijo inconveniente das Cidades, estes sulcos! E um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se installa no olfacto, e estraga para todo o dia o ar respiravel. É um dito que se surprehe de n'um grupo, que revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidez, e que nos fica collado á alma, como um sulpho, lembrando a immensidade da lama a atravessar. Ou então, meu filho, é uma figura intoleravel pela pretensão, ou pelo mau-gosto, ou pela impertinencia, ou pela rellice, ou pela dureza, e de que se não pôde sacudir mais a visão repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Zé Fernandes! De resto, que diabo, são as pequeninas miserias d'uma Civilização deliciosa!

Tudo isto era especioso, talvez pueril — mas para mim revelava, n'aquelle chamejante devoto da Cidade, o arrefecimento da devoção. N'essa mesma tarde, se bem recorde, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de calça parda, erriçado de chaminés de lata negra, com as janellas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abatando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, angulos asperos: tudo secco, tudo rigidido. E dos cháãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Taboletas, Taboletas.

Oh, este Paris, Jacintho, este teu Paris! Que enorme, que grosseiro bazar!

E, mais para sondar o meu Principe do que por persuasão, insisti na fealdade e tristeza d'estes predios, duros armazens, cujos andares são prateleiras onde se apilha humanidade! E uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernizadas. A relles e de trabalho nos altos, nos desvios, sobre pranchas de pinho nú, entre o pó e a traça...

Jacintho murmurou, com a face arripiada:

— E feio, é muito feio!

E accudiu logo, sacudindo no ar a luva de anta:

Mas que maravilhoso organismo, Zé Fernandes! Que solidez! Que produção!



DR. LUIZ DE MAGALHÃES



CONDE D'ÁVILA



ACTOR FERREIRA DA SILVA



O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ
INAUGURADO NO LARGO DO QUINTELLA EM 9 DO CORRENTE



RAMALHO ORTIGÃO



CONDE DE ARNOSO



CONSELHEIRO DR. ANTONIO CANDIDO

OS ORADORES NO ACTO DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

(Instantaneos do sr. A. Novaes)



O LARGO DAS DORES, NA POVOA DE VARZIM



PAÇOS DO CONCELHO DA POVOA DE VARZIM E PRAÇA DO ALMADA
A PATRIA DE EÇA DE QUEIROZ



JOAO JOSE DE SOUSA TELLES

FALLECIDO EM 5 DO CORRENTE

jornaes, principalmente em publicações scientificas.

Em 1864 encetou a publicação do *Anuario Portuguez Scientifico e Litterario*, que seria uma valiosa collecção, sendo um repertorio de todo o movimento intellectual. Mas os tempos de então ainda não eram azados para estas publicações.

Outra publicação interessante dirigiu Sousa Telles, foi a *Encyclopedia Popular*, leituras amenas.

Tinha a mais selecta collaboração dos homens d'aquella epocha. Era mensal.

O nosso querido e saudoso extincto era tambem um grande colleccionador dos primeiros numeros dos jornaes. Tambem archivava com todo o methodo as cartas dos seus amigos.

Desejariamos com mais largueza fallar da vida d'este benemerito, mostrarmos toda a grande serie de discursos que proferiu, e da sua obra no campo da instrucção, e mais ainda, da sua vida honrada e modesta, furtando-se sempre a receber mercês que galardassem os seus meritos. Tinha o seu nome immaculado e de nada mais precisava, e é este capital valioso que elle lega como herança sagrada aos seus estremecidos filhos e viuva.

Que descanse em paz o benemerito extincto, e que o seu nome seja inscripto no livro dos bons e dos uteis.

Todas as homenagens que se prestem á sua memoria, não são mais do que um dever sagrado e um acto de justiça.

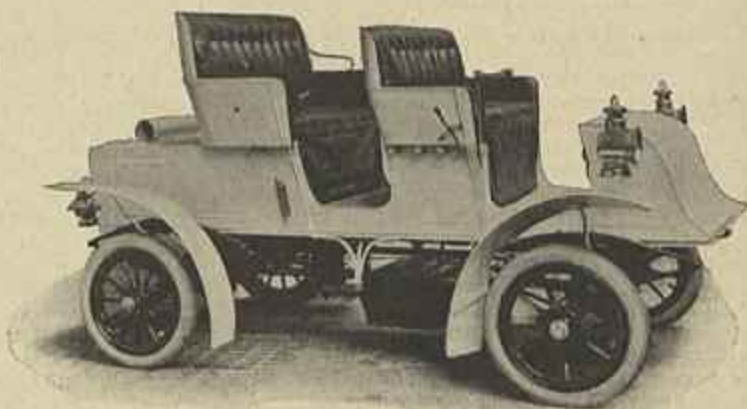
Honremos os bons e os justos para lição amavel e ensinamento, preito de gratidão que os povos cultos prestam aos que sabem cumprir a sua missão na terra, chegando a ser homens na phrase eloquente do padre Antonio Vieira.

Costa Goodolphim.

AUTOMOVEL LOCOMOBILE

A Direcção Geral das Obras Publicas de Lisboa, adquiriu para seu serviço um automovel a vapor da acreditada marca *Locomobile*, cuja elegancia e solida construcção são já vantajosamente conhecidas.

Foi a importante e acreditada casa F. Street & C., de Lisboa, que forneceu este bello automovel, o que é mais uma garantia dos creditos d'esta casa, não só n'esta especialidade como em outras machinas, sobre tudo agricolas.



AUTOMOVEL LOCOMOBILE

ADQUIRIDO PELA DIRECÇÃO GERAL DE OBRAS PUBLICAS

LOJA DO LOPES

(Socio-garante que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO

MODAS E ATELIER DE MODISTA

espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa

Porto

Coimbra

Rua do Alecrim

Largo dos Loyos

Vianna

20 A.

14

Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

Atelier Photographique, Fraga

Largo da Beogoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres; depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle; par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats pour les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais et Espagnol

Guilherme da Silva Spratley & C.^a

Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores

FUNDADA EM 1840

Vinhos do Porto e outras qualidades para consumo e exportação

ESCRITORIO

162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extrações de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATÉM, — 39 1.º

Em frente da Rua da Bileuga — LISBOA

Antonio Augusto Cerqueira

ADVOGADO

Rua de S. Julião, 107, 2.º — LISBOA

Kermesse de Paris

Sant'Anna Sá & Commandita

RUA DO PRINCIPE — AVENIDA PALACE

Especialidade em brinquedos

e artigos de novidade

LISBOA

Almanach illustrado do

OCCIDENTE

para 1904

Sabiu a publico este esplendido e elegante almanach, o primeiro no genero em Portugal. A capa é uma bonita aquarella allegorica a Almeida Garrett do distincto artista sr. José Leite.

Preço 200 réis, pelo correio 220 réis

Satisfazem-se todas as encomendas na

EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Largo do Poço Novo — LISBOA